OS ANARCHISTAS

E

A CIVILISAÇÃO

ENSAIO POLITICO SOBRE A SITUAÇAO

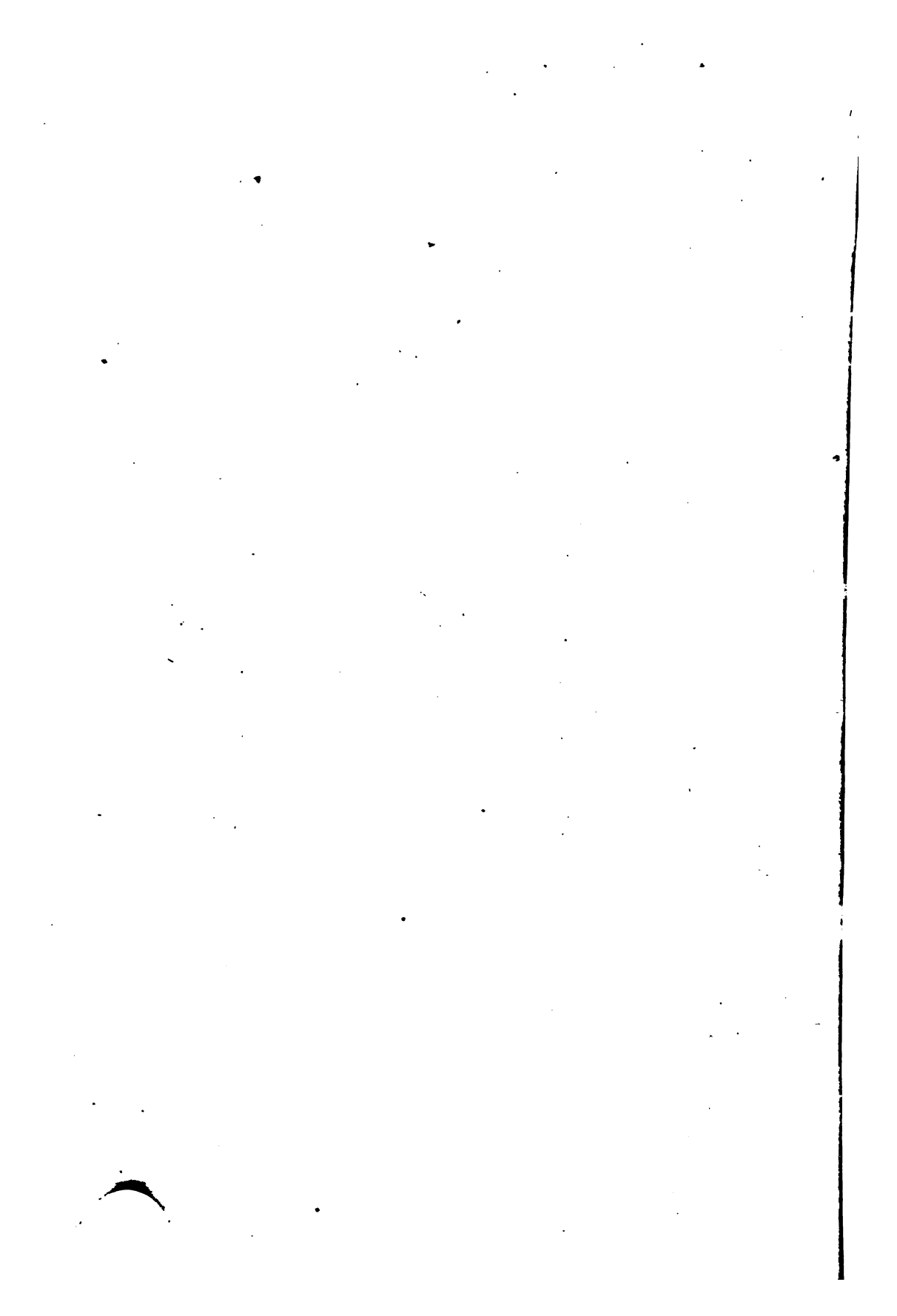
POR

UM PERNAMBUCANO

> Licentia mater impudentiæ.
> PLAT., *de leg.*, *dial.* 3.

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT
RUA DOS INVALIDOS, 61 B
1860

OS ANARCHISTAS

E

A CIVILISAÇÃO

— Para assentar o que?

— Para assentar-me, rindo, genio do mal, sobre as ruinas fumegantes de um auspicioso imperio.

— Quem és tu?

— O Adamastor da mentira.

— D'onde soltas o teu bramido?

— Da nobre cidade, outr'ora capital do Brasil, cujo pensar echôo.

Mentia o Adamastor! Esse bramar e rugir energumeno, esse bacchantear delirante, esse redemoinhar no vacuo, não representão mais que a triste perturbação de um cerebro enfermo.

Calumnia um solo illustrado e leal quem sonha cumplicidades com essas vozes insanas. A terra de Caramurú, o torrão conspicuo por innumeraveis filhos seus, modelos de intelligencia, e fidelidade, repelle o falso procurador a quem nenhum mandato conferio; protesta contra o torpe adulterar de seus sentimentos; indigna-se com esse brado unico, isolado, perdido, no remanso de uma população, unanime nas sentidas manifestações de intelligentes e cordatos votos.

Mentio o Adamastor!

É orgão de si mesmo, de suas visões sinistras, de

suas proprias opiniões (se o é); de seus odios; de suas conveniencias; de seus calculos! Não ha boca, não ha coração, em todo o Imperio da Santa Cruz, que espose os devaneios do febricitante espirito que ahi rumoreja blasphemia; é uma unidade entre sete milhões de homens!

II.

Graças á Providencia, não são os échos brasileiros para repercutir clamores desatinados. O gigante que abração o Prata e o Amazonas, não renega, ama a sua mãi, aquella que lhe deu o leite da civilisação; aquella a quem deve existencia, engrandecimento, unidade, e o prospecto de brilhantes futuros.

Quem é aquella formosa matrona, de magestoso porte, que, armada e coroada de raios, empunha um sceptro, e se recosta n'um throno, tendo a seus pés

feixes de armas e escudos, e por attributos o leão, a serpente e a aguia, e no peito um diamante?

É a monarchia.

Quem é aquell'outra possessa, desgrenhada a viperea coma, espedaçadas as vestes, vendados os olhos, que em seu desordenado correr vai calcando o livro da lei, brandindo um punhal na dextra, e com a sinistra sacudindo incendiaria tocha?

É a anarchia.

Aquella, a mãi, a boa, a fecunda, a nobre!

Esta, a madrasta, a má, a esteril, e esterilisadora!

III.

E ha (arcanos da fraqueza humana!) quem prefira, quem incite a preferir a desordem á paz, a revolta á lei, o odio ao amor!

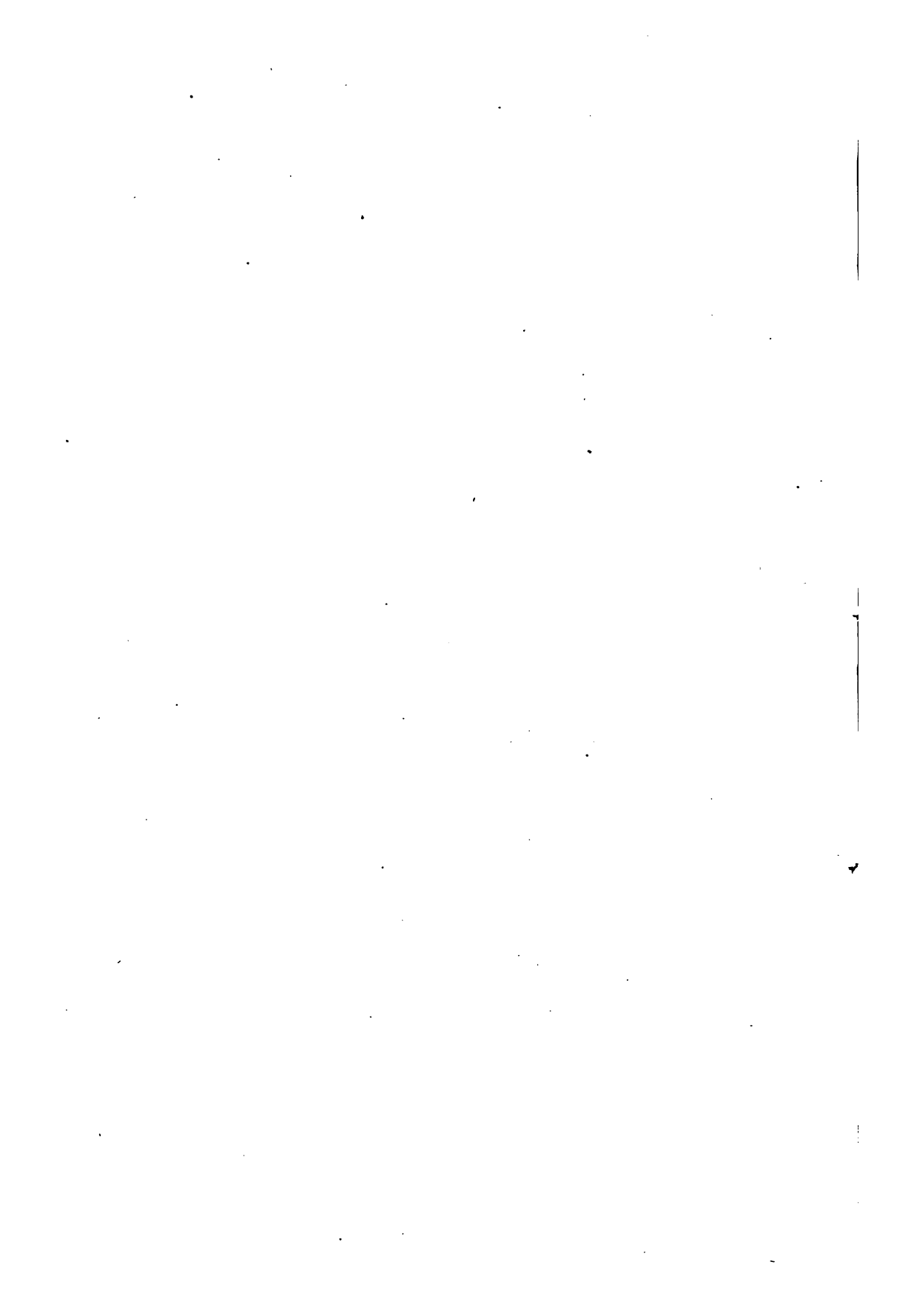
Deplorão as cadeias com que fingem manietada a liberdade. Pois não estais admirando tamanho abuso da força, tamanha insolencia da tyrannia? Não vos sentis, novos Tacitos, dispostos a exclamar: *Vi faciendis sceleribus promptus, ita audiens quæ facit insolens est?*

Ahi tendes a prova dessas suppressões de liberdade, dessas truculentas tyrannias, na circulação franca, e impune das mais perniciosas doutrinas!

É, sem duvida, condição dos governos livres a tolerancia na emissão do pensamento; mas o abuso dista tanto do uso como o incendio do calor, como o naufragio da viagem, como a arma curta do assassino da espada do guerreiro.

Não ha, por mais immunda, boca de ambicioso, ou revolucionario, que a cada momento não profira as magicas palavras: povo e liberdade. Diremos com Tacito: *Falso libertatis vocabulum ab eis obtenditur, qui privatim degeneres, in publicum exitiosi, nihil spei, nisi per discordias habent.*

Liberdade sem ordem; sem acatamento á lei, e ás autoridades, que em seu nome a exercem; sem freio; sem limites nas necessidades, e nas conveniencias sociaes; sem justiça; sem gratidão; sem verdade; sem respeito á paz publica;—liberdade, que não conhece por defesos se não os excessos, que a lei castiga com o azorrague das penas; que despreza a grande sentença de Seneca: *id facere est quod decet, non quod licet;* que só triumpha em politicas bacchanaes; que só tem por meios a calumnia, a turpitude, a revolta, e por fins a licença!... oh! maldito seja esse

estado de dissolução, e de anarchia social, até maldito porque deshonra e pollue uma das mais venerandas cousas na terra, a dignidade humana, que é essa a verdadeira liberdade!

IV.

Taes infelizmente tumultuão no pensamento as reflexões, que suscita a nossa actual situação. Sahindo, hontem ainda, de um regimen de ferro (resultante de idéas que passárão), brincando já hoje, infantes, com a independencia de certos vinculos antigos, ardemos por manifesta-la, rompendo todos os diques, e levantando-nos sobre os destroços de muito principio util, de muito respeito indispensavel, de muita santa crença.

Todavia, os annos vão correndo; muita utopia, desculpavel na priméira infancia do paiz, viria hoje

extemporanea. O espirito popular amadureceu, e os dias criticos são hoje tradicionaes.

É na sapientissima lei fundamental deste Imperio, lei onde se achão consignados os principios da razão escripta, que os Brasileiros reconhecem o seu programma politico. Calumnia o codigo sagrado quem, interpretando-o segundo as necessidades das facções, elasticamente o adapta ás circumstancias do momento, e lhe attribue intenções de suicidio.

A primeira maxima que a Constituição proclamou, de todas a mais vital, a mais eminentemente constitucional, aquella a que todas as outras se subordinão, é a de que o Imperio do Brasil é a associação politica de todos os cidadãos brasileiros, n'uma monarchia livre e independente.

Ali está a philosophia da Constituição; e todas as suas ulteriores determinações só tendem a realisar este magnifico *desiderandum.* Fixação de religião, reconhecimento de dynastia, divisão de poderes, organisação de instituições, proclamação de direitos individuaes, tudo isso são pedras da abobada, cuja chave-mestra é aquella liberdade e independencia da monarchia.

Monarchia e Brasil são duas palavras e uma só idéa; são alma e corpo, só indestructiveis quando in-

separaveis. Atacar a monarchia é attentar contra a integridade, a grandeza, o futuro da nação. Mal haja quem, para satisfação de odios ou de ambições ignobeis, arremessa brandões de discordia ao seio de populações pacificas, e se afana por desvairar o bom juizo dos povos! Se em taes peitos pulsasse um coração, não lhe quizeramos nós o ralar das vigilias, nem o pungir dos remorsos!

V.

É dilecto este Imperio do Deos dos exercitos, e das nações. Para cada necessidade lhe deparou a Providencia, por favor especial, um remedio; para cada grande idéa um chefe natural; para cada edificação politica um operario destro.

D. Pedro I, o magnanimo, o immortal, era o braço apropriado para a fundação de uma nova nacionalidade, livre, forte, e gloriosa: sua missão de soldado e de philosopho soube, em dous mundos, cumpri-la; baixou á campa, na altura dos maiores vultos histo-

ricos, radiante de luz que perpetuamente esclarecerá fastos de dous hemispherios.

D. Pedro II, embalado em berço liberal, americano, mas regio, tinha a satisfazer missão diversa: a da consolidação pacifica da obra de seu pai, da conservação das idéas conquistadas, do desenvolvimento nacional, do amalgama de um povo digno de tal throno, de um throno digno de tal povo.

VI.

Condizia bem com esta natural missão do Imperante a nobre idéa de congraçar todos os seus subditos entre si. Nossa esphera é tão outra daquella onde tamanhos interesses se tratão, que nos não é dado apreciar o que ha de exacto na asserção de que a denominada *conciliação* fôra um systema, e o systema directamente emanára do soberano.

Devêra, por todos os principios, respeitar-se essa suprema individualidade como superior e estranha aos debates da imprensa; mas, pois que lhe attribuem a iniciativa de tal pensamento, reconheçamos, se

assim é, a alta sabedoria, o acrisolado amor publico que só podia dictar programma tal.

Era passado o tempo das lutas quasi fratricidas. A maxima borrasca de uma revolução politica, que havia ferido de raio e derrubado a corôa dos reis de Portugal na America, levára tempo longo a aplacar-se; as vagas desse oceano revolto continuárão ainda de bramir; ora aqui, ora além, o estampido do trovão ameaçava a nova sociedade. Em varios pontos do immenso Imperio, no Pará, como no Rio-Grande, na Bahia, como em Minas; nas proprias provincias illustradas por Dias, Camarão, Negreiros e Vieira, se erguêrão armadas facções, sem nexo, e só accordes no pensamento parricida de esmagar á nascença os destinos do Imperio, trateando-o, espedaçando-lhe os membros, afogando em sangue as sementes do futuro.

Máos dias havião sido esses. Esquecião os partidos que o combate das idéas tem outra arena que a de mal feridas batalhas, que a espada e a lança não convencem, e só vencem; que os canhões são armas demasiado pesadas, e informes, para caberem na concha da balança de Themis.

E nesses dias máos não pudera ouvir-se a voz branda da razão tranquilla, em meio das gritas e alaridos das facções militantes, férvidas, intolerantes.

Reinava em todas as fileiras a desconfiança, o odio; era programma o exterminio. Nesses dias a palavra *conciliação* fôra uma utopia absurda, inintelligivel.

Porém como, após a procella

> « Traz a manhãa serena claridade,
> « Esperança de porto e salvamento »,

raiou emfim o dia em que os odios velhos cansárão; em que as facções, estupefactas de sua impotencia, repousárão armas; em que os proprios partidarios, menos desvairados pela embriaguez da luta, olhárão finalmente em torno, e ficárão maravilhados de descobrir cidadãos onde a imaginação lhes pintára monstros!

Não ha civilisação sem paz, e esta nova disposição dos animos era a ante-manhãa desse incommensuravel beneficio da Providencia. Direis que assim o pensou o chefe do Estado; que, avido em fazer convergir em proveito dos povos tanta força viva que assim se dissipava, esteril, prejudicialmente, reconheceu ter batido a hora de apertar todos os seus subditos n'um só abraço, de esquecer deploraveis excessos, de congraçar entre si os cidadãos, como elle mesmo a todos abria o thesouro de sua clemencia; de prohibir que aos serviços, virtudes ou prestimo, se perguntasse

pela biographia, ou se pedisse certificado de origem.

Supponde um momento que houvesse erro de opportunidade, ou que os effeitos fossem inefficazes, quem deixará de venerar o sublime pensamento que o dictou? Só os *cavalleiros do patibulo*, os sequiosos de sangue, dignos espectadores dos amphitheatros de Nero, para quem um minuto de demora do supplicio importa a privação de um gozo, de uma delicia; só os que á corôa arrancão a mais preciosa das joias, a do perdão; só os que, vivendo da desordem, como os urubús do cadaver, futurão na harmonia social a negação da propria existencia.

Houve pois (acredite-o quem puder!) boca para polluir o formoso programma com aleives que serião abominaveis, se passassem de estultos!

« Politica austriaca; desmoralisação dos partidos; descrença dos principios; enthronisamento dos interesses! » Apage, Adamastor da mentira! Não se calumnia assim uma nação inteira! Não se esbofeteião assim as faces dos partidos honestos, convictos! Não se arroga uma individualidade assim o jus de blasphemar contra o Imperio! Não póde tolerar-se o cavalleiro, cujo escudo ainda é liso no serviço da patria commum, proclamar refeces, servis,

cobardes e egoistas, a tantos denodados cavalleiros, cujos brasões assentão nas mil cicatrizes recebidas em defesa de seu solo. É injusto; é barbaro; é vil!

Não. A *conciliação* só requeria aos partidos que se conservassem nos limites do pacifico, do honesto, do licito; que os talentos e os serviços concorressem, indistinctos, para o lustre deste paiz; que esforços communs contribuissem para o bem da patria, que tambem é commum; que cada intelligencia guardasse independencia plena, mas só pedisse, em instituições de discussão, á discussão, o triumpho para suas opiniões.

Se por *partidos* se entendem o antigo arregimentar de gladiadores, o permanente alarma social, a ferocidade dos canibalicos programmas, a machinação secreta e activa contra todos e contra tudo, a espada de Damocles sobre a integridade e existencia do Imperio; oh! sim, bem haja a *conciliação,* se é que tendia a destruir tal praga; porém a isso e a esses não se chama *partido* e partidarios, mas *facção* e facciosos.

Se ao contrario essa palavra significa a communhão de principios sinceros, exequiveis, desejosos de triumphar pela persuasão em arena legal, nunca mais estadio que pela conciliação se abrio a taes aspirações.

A ninguem se interrogou jamais como havia pensado, como tencionava pensar.

É para lamentar que o talento tão facilmente se extravie; não é de hoje a triste historia do orgulho precipitando até anjos. Quando um dia, arrefecida no peito deste combatente a colera, se lhe disser que esse a quem attribue o pensamento da *conciliação*, offerecêra ornar-lhe esse peito com um distinctivo de merito, a elle mesmo se poderá então inquirir, como testemunha na accusação que ora aventou:

— Dizei, vós mesmo! Para se vos reconhecerem talentos, empregou-se alguma seducção? Exigio-se-vos sombra de sacrificio? Perguntou-se-vos, sequer, de que modo receberieis tão espontanea mercê?

Qualquer que tenha sido o resultado, o pensamento da *conciliação*, todo patriotico, todo politico, todo christão, era digno de baixar do solio a que se attribue, não sabemos com que fundamento.

Quanto mais desordeiros e anarchistas o estigmatisarem, tantas mais fervorosas bençãos e acções de graças chamará sobre elle tão formosa iniciativa.

Leaes defensores da liberdade regrada, queremos liberdade para todas as opiniões; e, para que esta se patenteie, conciliação, harmonia, pacifica discussão, em vez de conversões a ferro e fogo, nem a favor do

despotismo, nem a favor da anarchia; digamos com Voltaire:

> **Soit maudit à jamais l'affreuse politique**
> **Qui prétend sur les cœurs un pouvoir despotique,**
> **Qui veut, le fer en main, convertir les mortels.**

Sim, a historia está cheia de conversões milagrosas; ha na politica praticas tão admiraveis como theorias na physica, quando um systema faz transformar ar em agua, agua em terra, terra em fogo, engendrando assim cometas, planetas e sóes.

Mas esses astros rolão n'um universo phantastico, e nós queremos cometas que nos não devorem, planetas que nos não prejudiquem, sóes que nos não incendeiem.

Em falta de accusações plausiveis, lapida-se o throno por seus actos magnanimos; já os lobos de Phedro inventavão imputações desta ordem. Que prova tal plano em boca de sediciosos? Que a questão é dos fins, e todos os meios bons!.... Mas (importa dizê-lo bem alto) o que semelhantes expedientes revelão é talvez um hediondo pensamento reservado.

Alerta!

> *Accipe nunc Danaum insidias; et crimine ab uno*
> *Disce omnes!*

VII.

Entendem, aproveitados discipulos de Macchiavel, que para imperar lhes convém dividir.

Insufflando ciumes vãos entre as provincias do Imperio, pretendem renovar o apologo de Mennenio Agrippa. Escutai-lhes as transparentes palavras, de satanico impulso :

« Os animos vigorosos, no Norte e no extremo do Sul, não perdêrão nas mollezas da côrte essa energia e independencia, quasi selvagens, que são o mais nobre elogio de um povo.

« As provincias do Norte aspirão a reformação de um systema, que é indubitavelmente fatal á união.

« No Norte calárão por um momento os clamores contra o systema da côrte; mas elles se vão elevar de novo, com mais energia, com mais impaciencia, mais apaixonados. »

Á essas imputações do Norte contra o centro, se pintão accrescidas outras do Sul contra o Norte. É a sisania arvorada em expediente politico; o desconcerto e confusão em programma social!

Para taes prégadores, a discordia, veneno da republica (segundo Livio), mal extremo (em boca de Tacito), é um principio, um meio, um fim, um *desiderandum*. Emquanto o Adamastor não vir turbas de irmãos, provincias inteiras, corpo a corpo degladiando-se, e reciprocamente extinguindo-se, não dormirá tranquillo! Oh! por que não hão de os povos, para entretenimento de um moderno Caligula, cantar-lhe o *Ave, imperator, morituri te salutant,* e proporcionar-lhe o deleitoso espectaculo de morrer com graça?

VIII.

Appellais para as revoluções, para a guerra civil? Dais prova da fé que depondes na victoria intellectual de vossos principios; e, por desgraça, a historia de um passado não distante vos ensinaria, sempre e em toda parte, o futuro que vos aguardaria.

Os monarchistas manteráõ sempre, graves, severos e moderados, o posto que defendem, como imperiosamente o exigem a dignidade de sua bandeira, a consciencia de sua força. As vociferações estrondosas são boas sómente para as ruins causas. Á defesa

dos principios de justiça bastão, sobrão a ponderação, e o raciocinio, auxiliados pelas observações do estudo, ou pelos conselhos da razão.

Se, porém, julgardes opportuno appellar para a vontade nacional, citai-nos embora, no dia em que julgardes madura a obra da seducção; escolhei tribunal, mas cautela, não seja diversa a sentença da que dictais!

Insensatos, que julgão poder corromper e allucinar um povo, porque allucinão e corrompem alguns individuos! Duplamente insensatos, que, em sua inconsideração, cuidão poder encaminhar, a sabor, o querer de um povo, e curvar á sua vontade a eleição daquelle supremo juizo!

Se appellardes para o paiz fiados na seducção, o paiz vos desprezará, e que direis do arbitro em cuja mão vos entregais?

Que vos enganastes, tentando enganar, não direis vós por certo! Direis (como já o estais bradando) uma de duas cousas: — ou que o paiz é incapaz de ter uma vontade — ou que o escravisa a força.

De um e de outro modo lhe arremessais ás faces a mais atroz, e immerecida injuria!

« É o paiz que não tem vigor, nem vontade. » Nesse caso é o povo, que pecca por fraqueza, por

insensatez, por indolencia, por incuria, por todos os defeitos em que mais póde peccar um povo.

Calumnia!

O elemento povo é forte porque é grande; é nobre porque é forte; as suas feições indeleveis, o seu caracter, as suas qualidades essenciaes, não ha aleive que lh'as possa roubar ou denegrir.

« A força escravisa o paiz. » Nesse caso, além de todos os defeitos indicados, attribuis mais á nação uma ridicula estulticia, isto é: são tão pusillanimes as populações, é tão limitada sua intelligencia, que nem sabem calcular as relações do numero!

Calumnia!

Quando um *povo quer* sériamente, nada se lhe póde oppôr. Não nos illudamos com declamações phantasmagoricas; não vamos, desatinadas borboletas, queimar as azas salutares do raciocinio ao facho enganoso da ambição.

IX.

Essas abominaveis aspirações, essas vozes de parricidio, não achão écho em nosso povo. Lide embora o genio do mal por arrojar cidadãos contra cidadãos, provincias contra provincias, povos contra thronos, e thronos contra povos. Já de uma furia nos fallão os velhos livros, chamada Medéa, que teve arte, para seus fins, de fazer que uma cohorte de irmãos cegamente convertesse as armas de uns contra outros, e, aniquilada, désse victoria á furia, e a seu rufião :

Expavit Medea nefas; sic mutua pacti
Fata cadunt juvenes.

Os tempos aproveitárão a lição; já os povos, por mais que os açulem, não se entre-devorão; vinculos de fraternidade e de amor, nascidos na communhão de affectos, de tradições, de interesses, não se desatão nem se rompem. Indignas excitações não produzem senão um effeito, o de pôr a nu, torpe, e cynicamente, as canibalicas intenções de desalmados revolucionarios.

Se taes doutrinas, audazmente arremessadas pela imprensa, não são as que a legislação prevenio, quando no art. 68 do Codigo Penal pune até a simples tentativa de destruir a integridade do Imperio, não sabemos a quaes o legislador se refira.

X.

Venhamos ora ao pensamento, não já reservado, mas patente dos dyscolos ; poucas erratas o restabelecem, genuino e puro :

— Onde está escripto *cortezãos*, leia-se *côrte;* onde *côrte, rei;* onde *rei, realeza.*

Venhão pois, puchadas por truões, para a praça publica dos debates das turbas, as mais sagradas cousas da nossa sociedade. Religião, poder, autoridade, instituições, o futuro como o presente, o presente como o passado, venha tudo á barra destes juizes sem tribunal, destes revolucionarios sem revolução.

XI.

Ha um grande anachronismo nestas cópias servis dos pamphletos, vomitados pela demagogia franceza nos dias nefastos dos horrores daquella nação: é confundir os hodiernos reis, os reis constitucionaes, com os que em si reunião a summa do poder publico. Quão longe não vai o actual regio poder, do dos reis da antiga Persia, ou de França, e Hespanha nos seculos XVI e XVII! O nome *monarcha* representa mui diversas missões, segundo as localidades. Quem confundir entre si os reis da Inglaterra, Duas-Sicilias, Suecia ou Dahomey — e os imperadores da Allema-

contar sempre com o respeito ; mas a sympathia, mas o amor, mas a devoção fervente dos povos, adquire-se á custa de desvelos, de protecção, de caridade, de sacrificios, de intelligencia. Não basta que o soberano reine sobre os seus subditos; deve aspirar a mais formosa conquista : reinar-lhes nos corações.

XII.

Nem mesmo para repellir excessos demagogicos, nos collocaremos na outra extremidade do pendulo. Longe de nós o thuribulo da lisonja! Não é para homens da nossa têmpera o queimar incenso torpe. Mas ha outro delicto, mais negro ainda aos nossos olhos, a ingratidão, essa *virtude republicana,* e a ingratidão não é sentimento brasileiro; e nós somos verdadeiros interpretes da grande opinião nacional, elevando ao throno testemunhos sinceros e profundos de reconhecimento, e admiração.

Quem é este monarcha, alcunhado de indolente, retrogrado, e superfetação da nossa sociedade?

Outros irião procurar os seus principaes titulos de veneração á magnifica estirpe d'onde descende; remontarião aos mais remotos periodos da historia européa, reconhecendo que este sangue é o de uma seguida serie de soberanos de França, Portugal, e Brasil, desde perto de mil annos! Seguiriamos, se precisassemos, essa nunca interrompida linha, e proclama-lo-hiamos mais nobre do que quantos no mundo têm illustrado nomes!

Mas não é mister ir buscar titulos estranhos, onde os proprios sobrão.

No throno, ou immediatamente junto a elle, se sentão hoje membros das familias de Bragança, e Bourbon, em varios dos primeiros Estados. Assim é ao mesmo tempo o Imperador o laço que mais estreita nossa união com as principaes potencias.

Se o esplendor da corôa póde ser ainda abrilhantado pelas virtudes domesticas, nunca a cingio melhor soberano, melhor pai, melhor esposo; feliz par, que dirieis predestinado para tão admiravel harmonia, ou nascido no paço, ou nascido em pobre cabana!

Das qualidades, que mais se procurão em tão elevada esphera, é, sem duvida, a affabilidade, das principaes. E já hoje em todos os lugares visitados pelo monarcha, o rico e o pobre, o sabio e o igno-

rante, o fidalgo e o plebêo, proclamão unanimes que tão exquisita benevolencia, e extrema polidez, não podem exceder-se, a não ser pela variedade, profundidade, e brilho de sua superior conversação.

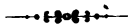
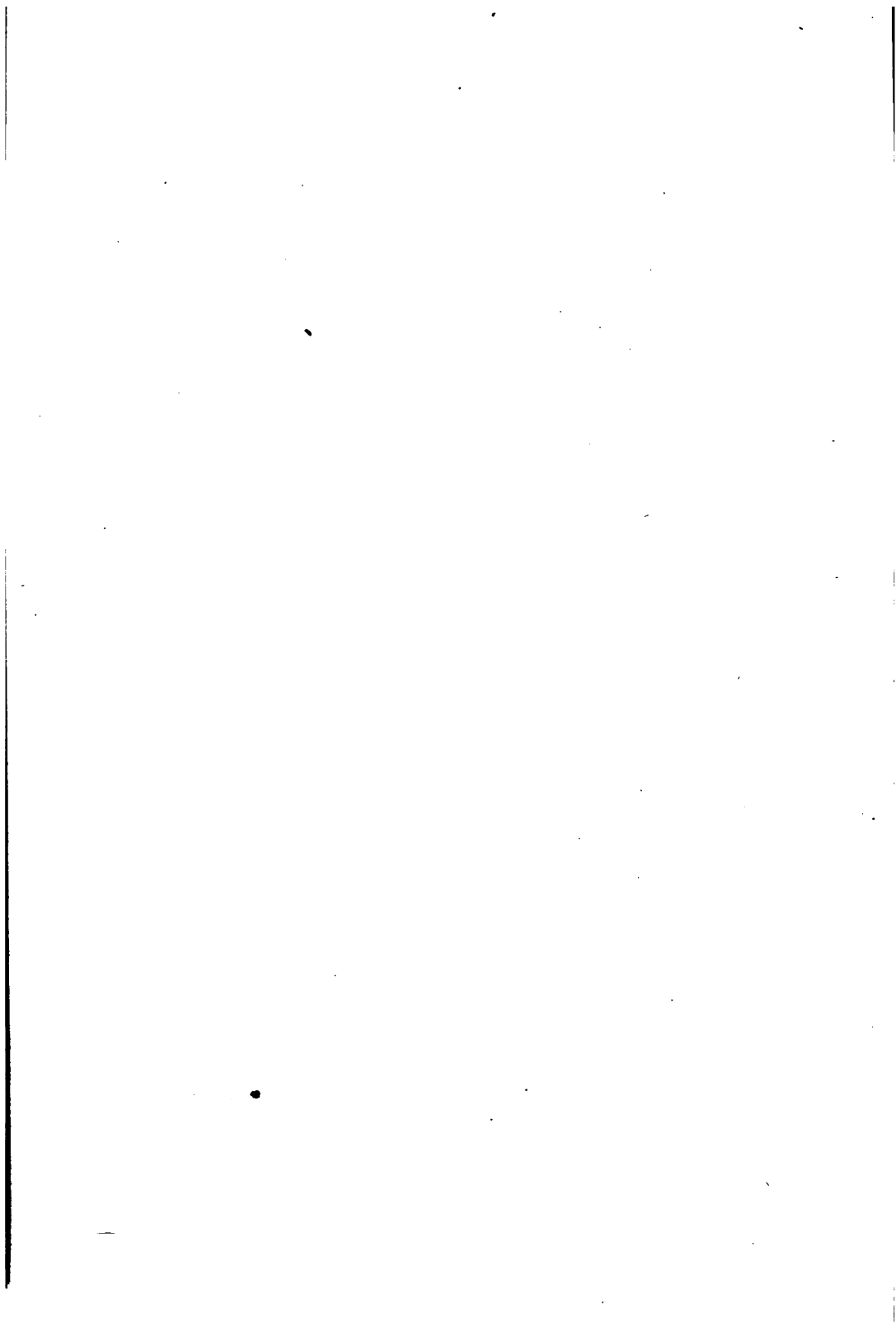
Não ha tentativa patriotica, não ha empresa util, não ha obra brasileira, para a qual se não encontre, prompta sempre, e sempre illustrada, a protectora cooperação do Imperador. Trata-se de letras e sciencias? O seu nome apparece inscripto o primeiro; e não se receie que falte jamais com a sua presença a aformosear as festas da sciencia, as provas publicas dos doutos, as escolas superiores e inferiores, os dias solemnes das grandes associações. Trata-se de empresas, de interesse material para o paiz? Não consente que ninguem primeiro, nem em mais extensa escala as coadjuve. A todos os grandes pensamentos, nesta terra, procura associar seu nome, quando delle proprio não têm dimanado.

E quando, descansando de serios cuidados, procura distracção, ainda ahi, tão longe de sua esphera, vai colher corôas novas.

Linguas mortas e vivas, historia, bellas-letras, e bellas-artes, tudo isso lhe é tão familiar como os vastos conhecimentos em que, até em mil ramos praticos, se avantaja.

XIII.

Fallámos da *ordem*, da *realeza,* do *rei;* venhamos aos pomposos vocabulos, que usão antepôr-lhes: *liberdade, democracia, republica.*

Maravilha-se o pensador de ver que, para debellar tres corpos se lhes opponhão tres sombras; a tres solidas idéas contrariem tres palavras vãas!

XIV.

Liberdade! Quem é essa *ignota dea?* sabemos-lhe os attributos, é uma matrona de barrete e lança; mas que significa? qual a sua missão? Esses que a preconisão, que lhe entôão hymnos, que lhe regão as raizes da arvore com diluvios de sangue, não sabem o que seja o seu idolo, não são capazes de definir o objecto de suas adorações. Ao escuta-los, thuribulando-o, dirieis ser na verdade como a Venus de Virgilio, que logo ao patentear-se, revela que é deusa *et vera incessu patuit dea!*

Liberdade, por si só, é palavra vasia de sentido.

Quereis acaso que ella represente o poder de exercer a vontade individual, obrando ou deixando de obrar? plena independencia de ordens alheias, ou de alheia vontade? livre arbitrio? julgamento, deliberação, escolha segundo a propria consciencia? protestantismo politico? Ai de vós se assim entendesseis a famosa expressão. Tal plena *liberdade* de cada um seria a *escravidão* de todos; quando cada cidadão procedesse, a seu talante, sem respeito ás autoridades, nem ás leis, á mercê de suas paixões, de seus interesses, de sua intelligencia, a sociedade se converteria n'um cahos, porque não haveria dous homens que não estivessem em luta permanente, de intelligencia, interesses, e paixões.

— « Não (dizem elles); isso não é uso, mas abuso, e a lei restringe-o, porque cada exercicio de liberdade tem sua lei reguladora. »

Ahi tendes a prova da vacuidade e inanição do vocabulo: *cada exercicio de liberdade!* sim, porque *liberdade* não se comprehende, precisa, para existir, de um complemento; se alguma cousa significa, é um substantivo adjectivado; é palavra que nunca póde marchar só, pois exprime *qualidade*, e precisa assim um apoio, um nome a que se encoste. *Liberdade* é *faculdade...* mas de que?

Liberdade de commercio. Comprehendemos ; é a faculdade de vender ou comprar, no interior ou exterior, sem submissão a regulamentos prohibitivos.

Liberdade dos mares. Direito que assiste a todas as nações de sulcar livremente os oceanos. Isso sim.

Liberdade de consciencia. Tem sentido, porque patenteia o direito que tenha um cidadão, de professar as opiniões religiosas, que mais conformes á verdade lhe parecerem.

Liberdade de imprensa. Jus de manifestar a opinião por aquelle meio.

Liberdade de associação. Faculdade de se ligarem cidadãos para um fim commum, etc., etc.

Tudo isso, sim, tem uma explicação. Quer dizer que aos membros de uma nação é licito praticarem esses actos, que são designados, nunca pela palavra *liberdade*, sempre só pela idéa que a acompanha.

Sendo assim, perguntaremos : onde está hoje o paiz, tão atrasado e despotico, que taes faculdades não sejão concedidas ? onde, por outro lado, republica tão liberal, que o uso de taes faculdades se tolere illimitado, e impune ?

Ide a esses povos liberrimos, e nelles achareis, ao lado da proclamação dessas liberdades, leis restrictivas dos seus abusos.

Codigos civis e penaes, leis contra desmandos de imprensa, legislações especiaes, ha de tudo isso nos mais democraticos Estados, como o ha nos mais atrasados, contra o máo uso que o homem possa fazer das faculdades outorgadas pelo Creador. Todos os povos admittem o uso, todos punem o abuso; a questão está na maior ou menor restricção, e dahi se vê já quanto ella baixa da alta esphera dos principios organicos á das leis regulamentares.

Não; *liberdade* é uma palavra tão sonora como inane; e todavia a esse mesmo vago, indefinido, e inintelligivel deve ella o ter inspirado tantas paixões desgraçadas, e feito commetter tão deploraveis excessos.

Tempo houve em que os vencidos na guerra ficavão escravos dos vencedores; só ahi podião bem separar-se as questões de liberdade e escravidão. Na sociedade moderna, a liberdade é um mytho; um gerogliphico, que nenhum Champolion póde decifrar: o cidadão, que pretende gozar das omnimodas vantagens do estado social, tem forçosamente de sacrificar milhares de franquezas do estado natural; a sociedade é uma perenne delegação.

Quem foi o que primeiro tal expressão inventou? Deos sabe. Napoleão I dizia que a liberdade politica,

bem analysada, fôra uma fabula de convenção, imaginada pelos governantes, para adormecer os governados.

Mas Rousseau, que era bom mestre, ensinou que a liberdade era alimento de bom succo, mas de difficil digestão; prima co-irmãa da revolta. Assim pensava tambem Ségur, ao bradar que a liberdade mais tem a temer as paixões dos seus servidores, que as de seus inimigos.

Não ha mais desalmados liberticidas que os ultra-liberaes!

Consenti pois, vós, *liberdadeiros*, que nós, progressistas da razão, allumiada pelo Evangelho, nos não finemos de amores por uma voz obsoleta, sinistra, que não rememora senão ingratidões, e ostracismos, sempre vermelha de sangue, ou negra de luto, grito que acompanha todas as insurreições que abalão, que destroem, mas que não fundão.

XV.

DEMOCRACIA! Quem é essa *filha dilecta das entranhas virgens da America...* como se fosse idêa gerada depois do seculo XVI? Será a fórma de governo em que o povo, só, exerce a soberania? Mas essa fórma não existe, jamais nunca existio; é um brinquedo infantil com que os habeis illudem os povos; é uma fabula, um mytho, uma abstracção, uma allegoria philosophica. Os myrmidões, nascendo das formigas, representão a intelligencia e zelo desses povos para os trabalhos agricolas. Prothêo, o adivinho, symbolisa sua profunda sabedoria; as ca-

beças renascentes da hydra de Lerna significão o esgôto de uns pantanos; a democracia é outra identica allegoria, tão impraticavel como aquellas com que se pinta o estado de uma sociedade, em que o elemento homem e cidadão pesa mais na concha da balança do que pesa entre os povos de demasiados privilegios.

Se é isto, todos os povos modernos são democraticos; mas não ha um só delles que por si exerça poder; delegão-no a um limitado numero de homens, constituindo assim, quanto ao exercicio do poder, outra aristocracia, ou oligarchia, não raro mais tyranna, que a resultante das monarchias absolutas, pois antes um tyranno, que trezentos tyrannos. Quando a humanidade, para se livrar de um mal, corre após outro mal maior, *incidit in Scyllam, cupiens vitare Carybdin.*

Se isto não é, dar-se-ha caso que tenhamos voltado aos bancos das escolas, para de novo discutir as theses abstractas da origem do poder, da fonte da soberania? Por Deos, que tudo isso já passa de anachronico e pueril! Quando os defensores da legitimidade invocão o direito divino, bem sabem, sob pena de cegueira, que, ao lado do *per me reges regnant,* o mesmo dedo da Providencia inscreveu um

per me reges cadunt. O favor dos céos consiste em designar, nos arcanos de seus conselhos, tal cabeça, em vez de outra, para, segundo a ordem dos tempos, e das successões, supportar uma corôa. Esse direito divino, acatemo-lo ; é fonte de ordem, de paz, de civilisação. *Soberania popular*—ou é um axioma que não precisa repetir-se, ou um *perigo,* que importa afastar : —*axioma,* se significa que os reis forão feitos para os povos, e não os povos para os reis ; *perigo,* se querem com o veneno dessas palavras agitar permanentemente as sociedades, romper os antros de Éolo, para aniquilar o mundo nos vortices dos ventos desencadeados !

Para dizer mentira aos reis, já hoje basta uma coragem cobarde ; para dizer verdade aos povos, é mister a coragem dos valentes : tenhamo-la !

Esses ambiciosos, fallazes seductores ; esses declamadores energumenos e vãos, funambulos que com o talco das palavras fazem refulgir idéas negras, cynicos discipulos de Thespis, nunca outra cousa fizerão senão zombar do povo, degráu seu, embaí-lo.

Suffragios universaes, os Napoleões vos ensinarão de que servem, e a quem aproveitão. Elles vos dirão como quasi unanimidades elevão os habeis aos primeiros thronos do mundo; como consagrão despotis-

mos; como fazem que as Nizas e as Saboias digão que o suicidio é a sua gloria, o seu desejo. Não! não ha sociedade em que a parte infima, e mais numerosa da população, goze o minimo quinhão na partilha do poder; são, em toda a parte, as *minorias numericas* as que dictão a lei. Os nove decimos dos habitantes de um territorio, os não ligados ao solo pelos vinculos da propriedade, da industria, do saber, etc., os inhibidos pela idade, sexo ou outras interdicções legaes, tudo isso reduz, ainda nas mais adiantadas instituições, a um numero diminuto a parte militante nos destinos politicos de uma nação, a desses tutores natos de seus concidadãos sem voz politica, tutores dos que tendo sem duvida direitos, os não podem todavia exercer, como succede com os menores, em todos os povos cultos.

Illude pois perversamente os homens, é réo dos excessos que taes idéas falsas podem gerar, aquelle que não faz esta distincção, e antes incita os musculos e a força bruta dos naturaes pupillos (que sempre aliás continuarião a sê-lo) contra a intelligencia e a força moral dos que razão e direito constituirão tutores.

Pois que! ensinar-se-ha ao analphabeto, ao proletario, ao louco, ao mendigo, que a sua opinião, e

seu voto pesão tanto como o do sabio, o do proprietario, o do cidadão distincto por seus meritos e serviços? Fôra mentir ao pensamento das instituições de progresso; fôra annullar as conquistas da intelligencia, restituindo o sceptro a outra mais estulta tyrannia, a do numero bruto; fôra, não já pendular a sociedade em oscillações isochronas, mas expôr successivamente esse revolto pélago á victoria de todos os ventos.

Sabemos bem que os calculistas se afanão sempre por desvairar; por turbar as aguas, em seu proveito; por cegar o povo, para logo em defesa sua converterem esse instrumento cego. O mestre Voltaire lh'o ensinou:

> Je sais quel est le peuple ; on le change en un jour ;
> Il prodigue aisément sa haine ou son amour.

Sabemos que existe, no meio e no fundo de todas as sociedades, uma classe centimana, que se move á mercê de todas ás excitações, bocas tão promptas ás vociferações dos *vivas*, como ás dos *morras*, ao mesmo objecto; mole indigesta e rude; hordas selvagens, encravadas na civilisação.

É ao reinado desta Astréa politica, é ao charlatanismo desta pyramide insustentavel, de apice para

baixo e base para cima; — pyramide sem arestas, nem eixo —, que pertence o pompóso nome de *democracia pura*.

Não vos exacerbeis! Já vossos primeiros mestres (os Mirecourts, e outros, de quem copiais phrases, são mais modernos) usárão elles proprios contra a *democracia pura* linguagem mais violenta. Rousseau escreveu que uma democracia pura não convinha senão a deoses; Voltaire (perdôe-se-nos a liberdade da palavra; é delle) declara que a democracia pura é o despotismo da canalha. Lançarieis vós as perolas da dignidade humana diante disso? A voz de S. Matheus vos responderá: *Neque mittatis margaritas vestras ante porcos.*

Se a democracia aspira aos fóros de *fórma de governo;* se ella passa da sua esphera licita de origem do poder á impossivel de exercicio do poder;—então é uma peste, um flagello; é a revolta, a destruição em sessão permanente.

Se, neste momento, a revolta physica cessou, quem ha ahi tão cego, que não distinga o permanente lutar de alguns em revolta moral? Exaltação sem fim, e sem freio, raiva mortal á ordem, encarniçado desejo de agitar e revolver, teimosa esperança de crimes, irritação pelo máo successo, humiliação im-

placavel da vaidade succumbida, pejo de ceder, sêde de vingança, eis quanto resta nas fileiras dessas sediciosas minorias, que a sociedade vence, mas não subjuga.

É um facto, já escripto em letras de sangue no solo de nossas provincias, nas lageas das nossas ruas, que debaixo do fogo da imprensa inimiga, transformado o antigo grito guerreiro de — *S. Jorge !*—no de — *povo* e *democracia !* — sob a influencia dessa continua explosão de theorias barbaras, e de hediondas calumnias, se tenta formar, lá no fundo da sociedade, lá onde se encontrão as paixões grosseiras, e as intelligencias violentas (que nem sabem supportar nem comprehender a ordem), uma milicia obscura de homens, capazes de tudo, em cujo seio todos os partidos, em toda a parte, podem procurar recrutas para insurreição, em cujas phalanges o parricidio politico acha braços sempre promptos e armados.

Quando se pretende fundir interesses, vem ella metter-se de permeio, e desanima-los ; — quando se pretende extinguir resentimentos, azeda-os ; — honrar os costumes, corrompe-os ; — a fé social, destróe-a ; — tenta-se approximar as classes, separa-as, e irrita-as ; — popularisar a realeza, e as institui-

ções, diffama aquella, e pinta estas como uma permanente oppressão do povo!

Tudo isto bem tem sido dito por outros; com ser velho, é sempre novo, porque os turbulentos zombão das lições de uma experiencia, em que as nações perdem, mas elles aproveitão sempre.

Essa democracia, que toma por symbolo o tigre e o gato, isto é, a ferocidade, e a ingratidão, não convém a povo, como o brasileiro, essencialmente brando, essencialmente generoso, e essencialmente reconhecido.

XVI.

Republica! Tal o *desiderandum* dos garrulos!

Mas que especie de constituição republicana desejais vós?

A *aristocracia*, em que o governo fica entregue ás altas classes dos cidadãos? a *oligarchia*, em que elle se concentra, talvez nas vossas mãos, e de um pequeno numero de familias? Não, que tudo isso representa a excepção, o privilegio, um quasi direito divino, que a vossa Nemesis fustiga.

Se é que não tendes em mente a abolição de todos os privilegios, sem excepção — a cada um segundo sua capacidade, a cada capacidade suas obras —

a destruição do culto christão — a abolição da herança, e da propriedade — a emancipação definitiva e communhão da mulher, ou igualdade dos sexos — phalansterios, communismos, fourierismos, e socialismos, com que aspireis a *sansimonar* a sociedade —, se finalmente não tendes já preparada, para sahir do vosso opulento cerebro, armada e rompente, como a Minerva, uma nova republica, inedita, ou engarrafada, fructo de vastas lucubrações superiores ás dos Platões e Ciceros — tendes de tomar, por modelo e typo da apregoada perfeição, alguma das que os homens conhecem.

Qual é?

A de *Spartha*, por exemplo? Era um monstro horaciano, um mixto de aristocracia, e democracia, unidas a uma realeza.

Athenas? Prosperou, desde Cecrops até Codro, contando reis taes como Theseo. A realeza foi substituida pela aristocracia dos archontes; foi então que as leis de Draco se escrevêrão com sangue; a propria constituição de Solon, destinada a abater a facção aristocratica (sem obter mais que substituir-lhe diversa tyrannia), constituio outra aristocracia, depositando a autoridade na mão dos archontes, e aggregando-lhes um senado de 400 membros!

Namora-vos acaso a *Roma*, desde a quéda dos Tarquinios até á elevação dos Cesares? Pedireis assim a substituição de um rei por dous reis, chamados consules? As lutas intestinas em que a classe plebéa foi sempre supplantada pela patricia? As oppressões daquella por esta? A mentira da eleição? A conquista e a guerra arvoradas universalmente em direito? A desmoralisação progressiva? A escravidão, por dividas, do homem branco ao homem branco? O rebaixamento da mulher pouco acima do nivel do animal? Uma ameaça permanente a todas as nacionalidades?

Rejeitais essas, de quem se póde dizer: *etiam periere ruinæ;* será para abraçardes as da idade média?

Veneza, a guerreira, a conquistadora, a commerciante? Irrisão! Os seus doges, maridos do oceano, erão vitalicios; essa republica era uma aristocracia forte e tyranna; os nomes dos seus fidalgos inscrevião-se no chamado *livro de ouro;* os limites do poder do chefe estavão em poucas outras e tenebrosas mãos: conselhos dos dez, inquisições do Estado, conselho dos *pregadi*, tribunal da *quarantie;* só nobres tinhão accesso aos cargos publicos. Essa republica não é a vossa.

Será *Genova*, a rival de Veneza, a que viveu sempre em dissensões, a que mudou sem cessar de governo, obedecendo successivamente a condes, podestás, dictadores, capitães, protectores, abbades do povo, doges? Pois era republica de vossa escolha a terra dos Bocas-Negras, Dorias, Spinolas, Fieschis, Grimaldis? É vosso modelo esse paiz que, para subsistir, se vio constantemente forçado a entregar-se á direcção de nações estrangeiras, e que no interior se regeu geralmente pelo terror e pela força?

Não; não podem ser essas republicas aristocraticas como as de *Piza*, *Florença*, e outras, em que se vos vão os olhos.

Approximemo-nos portanto mais aos nossos dias.

Quereis a *Suissa* para vosso typo? Cautela! lembrai-vos, primeiro, que a Republica Helvetica vive, ou vegeta, pelo querer ciumento e previdente das monarchias em que jaz encravada; não fôra isso, e sua liberdade se limitára já a uma sombra tradicional. É uma republica federal; uma manta de retalhos, em tudo:— Na religião tem nove cantões catholicos, sete reformados, seis mixtos; em lingua, falla o francez em Neufchatel, Vaud, Valais: allemão em Berne, Bazilêa, Zurich; italiano no Tessino; romano nos Gri-

zões; welche, dialecto dos cantões francezes. Em fórmas de republica, cada Estado tem a sua: dos treze cantões primitivos tres erão aristocraticos, seis democraticos, quatro tinhão de tudo, etc. Por certo que não tomareis tal Babel por modelo.

A republica das *Sete provincias unidas ?* Basta dizer que foi creada por monarchas, e em seu proveito; é filha do tratado de Utrecht, essa que, após vida ingloria, indefinida, e perseguida, morreu, na infancia, de justa morte natural para sempre.

Ah! já sabemos; quereis talvez a *republica franceza,* a mãi, ou alguma das dilectas filhas, *batava, parthenopéa, romana, liguriana, cisalpina,* etc. Mas todas essas forão, ainda demasiado longos, relampagos de horror; prestes baixárão ao inferno, d'onde havião nascido. Geradas do odio, e do sangue, atacadas de hemophobia, tudo abalárão, ameaçárão tudo; e se tão fundas não fossem as raizes da religião, da propriedade, da familia, da sociedade humana emfim, tudo esse furacão houvera arrebatado; a humanidade seria hoje uma vasta necropole, ou um immenso Herculanum, coberto da lava já fria desse hediondo vulcão.

Quereis as republicas de *Hamburgo, Bremen, Francfort, Jonias, Andorra* ou *S. Marinho ?* Empres-

tai-nos vosso microscopio, para as divisarmos sequer.

Invejais os *Estados-Unidos?* Não pareis á superficie; não tomeis miragens por corpos. Isso não é uma nação com suas naturaes condições. Ahi vêdes *Estados* independentes e autonomicos; *Territorios*, regidos pelo governo federal; *Districtos* annexados já a um Estado, já a um territorio. Ahi vêdes a guerra das classes, dos typos: o aristocratico virginiano, e o burguez yankee. Depois a aristocracia das côres, pois nem nós comprehendemos o sentimento do Americano para com o mestiço, mulato, ou negro. Segue-se a divisão entre paizes de escravidão, e sem ella, pomo de eterna discordia, germe de inevitavel dissolução. Esse é o paiz, não da tolerancia, mas sim, pela indifferença, da anarchia religiosa: ahi são numerosos os catholicos; mas mais numerosos os congregacionalistas, os quakers, os moraves, as cincoenta seitas reformadas, os presbyterianos, anglicanos, methodistas . . . e sobretudo os deistas, e os athêos. . . Não, não são *athêos;* todo o cidadão reconhece uma divindade omnipotente, creadora, principio e fim de tudo: é o *Deos Dollar*. Esses canaes, cidades, vias-ferreas, estaleiros e industria, só representão os interesses materiaes; mas

a raça latina, mais nobre, mais alta em aspirações, tem outra missão, que a de só se embalar nas delicias do corpo. Os Estados-Unidos, sem nexo, sem interesses communs, ameaçados porque ameaçadores, cubiçosos até á insaciabilidade, arrogantes como filhos de quem são, dando, no funccionar de suas instituições, scenas de ludibrio, incutindo no animo de cada cidadão que elle é, sim, igual a todo o superior, mas superior a todo o igual, não são paiz para ser imitado, nem mesmo por povos nas suas condições, quanto mais pelos que, como nós, temos outra historia, diversos elementos, e vária missão.

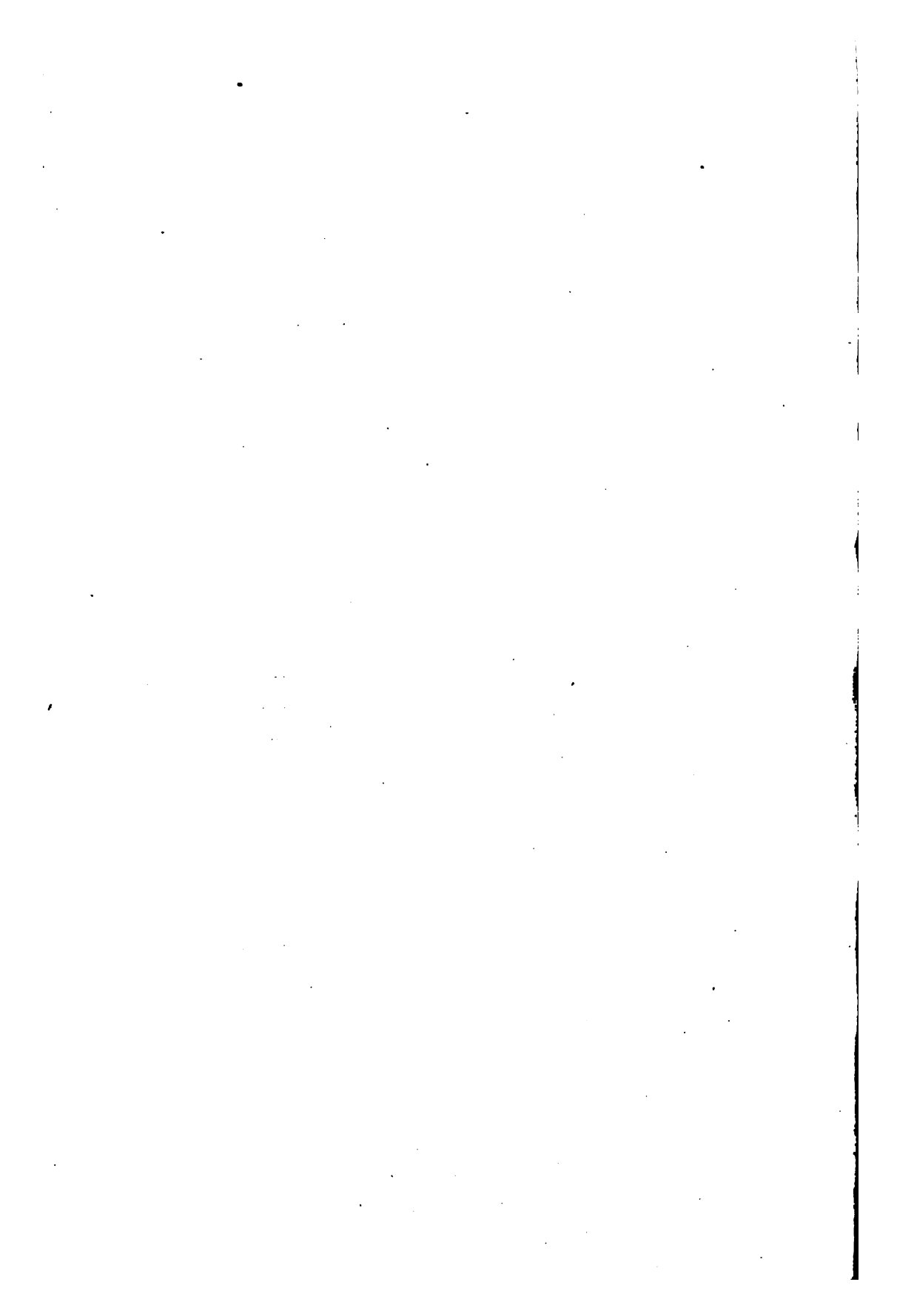
Quereis ser o absorvido *Texas*, o dissolvido *Mexico*, os oscillantes *Equador, America central, Nova-Granada, Venezuela, Perú, Bolivia, Chile, Montevidéo, Paraguay*, ou membro *da Argentina?* Respeitemos todos os Estados, mas folguemos de nada disso ser. Quiz a Providencia, em seus beneficos designios, que em nosso continente, em face de todas as nossas fronteiras, pudessemos constantemente comparar nosso progressivo engrandecimento monarchico com aquellas instabilidades republicanas, empobrecimento, caudilhagem, corrupção, desesperança, terror, retrocesso. Se o Deos

de Affonso Henriques levantasse um dia sua mão de sobre este povo, nossa sorte seria aquella: a republica! a miseria!

Más não ha temê-lo. Em 1795, a 29 de Agosto, decretava a convenção que todos os funccionarios prestassem juramento de *odio á realeza;* pouco depois resurgia ella, embora com fórmas transitorias, porque sempre as frechas da liberdade acabão por embotar-se no éneo escudo da monarchia. A *liberdade* e a *razão* da republica franceza erão-no tanto como erão deosas as da razão, e da liberdade, que então adoravão: mulheres perdidas, sahidas dos prostibulos.

Forão talvez essas scenas contemporaneas, que fizerão Napoleão bradar — que era mais difficil cousa existir republica sem anarchia, que monarchia sem despotismo. — Elle imitou os Cesares, que depois de destruirem a republica romana, zombárão della, conservando-lhe o nome. Os extremos tocão-se. Tiberio só fallava da sua affeição á republica. Má vizinha é ella, que usa contaminar quanto se lhe approxima; por isso o principe de Ligne finamente advertia que não tolerava as republicas senão na agua, porque a liberdade não se deita a nado, para ir estragar os outros paizes.

A republica é pois a mentira, como a monarchia é a verdade; e que serão os agitadores republicanos ?

Copiemos o juizo do senso publico universal.

XVII.

Onde virdes tribuno sem Monte Sacro, faccioso, declamador; onde virdes cameleão e Prothêo; onde virdes prégador de demagogia desenfreada, cega, furiosa, funesta á ordem e á liberdade, irracional; ficai certos de que sob esses diogenicos andrajos se encobrem os mais hypocritas ambiciosos. São populares, que sacrificão os povos ao idolo de seu orgulho, e das suas aspirações; são inimigos da realeza, candidatos a outra especie de realeza; são uns regulos da idade homerica, camaradas de Alcinoo reinando sobre os Pheacios. A demagogia, a inimiga de um tyranno, é

o terreno d'onde os tyrannos pullulão, mais bastos que dos dentes da fabulosa serpe subião da terra os homens armados e ferozes.

É uma entomologia politica assaz curiosa! o republicano varia muito, conforme o que já tem medrado, ou lhe resta a medrar: é um no ovo—outro na chrysalida— e outro, quando o bicho está perfeito; para os tres estados ha tres linguagens, diversas, antipodas.

Emquanto porém o republicano ainda trata de merecer, dá-se um phenomeno admiravel. Possue-se elle de uma santa indignação contra os lisongeiros dos reis. Escutai-os: « São viboras; seguem sempre a roda da fortuna; applaudem o mal; mentem á consciencia, sem escrupulo; mostrão não ter boa opinião de si nem dos outros; parasitas; propinadores do veneno, que mais vertigem causa; calculadores miseraveis, porque é esse um dos vicios frios, sem paixão, sem impulso algum nobre, e que nunca é produzido senão por motivos baixos e vis. »

Tocou-vos n'alma aquella profunda colera contra os lisongeiros dos reis? Quereis saber? Era tudo uma farça, um horror de emprestimo! Essas phrases sesquipedaes, contra a lisonja, erão lisonjas tambem para com outro soberano, *o povo*. Tudo quanto é

poderoso tem o infortunio de attrahir lisongeiros; mas não os ha mais perigosos que os do povo, criança grande, facilima de enganar, de desvairar, e a quem, para lhe fazer saborear o absinthio, basta que de mel se lhe untem as bordas da taça.

XVIII.

Governo pessoal; outra imputação horripilante.

Seria para desejar que se ensinasse aos soberanos como hão de cumprir os seus deveres, e evitar a tremenda accusação. Temos uma constituição que impõe ao monarcha deveres e direitos; como se exerce isso tudo, ficando essa suprema entidade immovel, automatica?

O Imperador do Brasil é representante da nação; como representa-la, sem contacto com os representantes?

Compete-lhe a sancção das leis, ou veto suspensivo; como, se não puder aquilatar as publicas necessidades?

É chefe supremo do Estado, privativo depositario do poder moderador, incumbido de velar sobre a manutenção da independencia, e harmonia dos mais poderes: como ha de velar sobre os outros, sem que nelles exerça acção?

Proroga, adia ou dissolve a camara dos deputados; nomeia e demitte ministros: como, se, quanto ás pessoas como ás cousas, se lhe não tolerar uma intervenção individual?

Concede amnistia e perdão: como, se o censurão de apreciar o estado social, e avaliar a opportunidade do exercicio dessas formosas prerogativas?

Tem parte no poder executivo, como seu chefe, e portanto unico immutavel membro desse corpo: como se hão de negar ao chefe attribuições, que ao derradeiro desses membros se reconhecem?

Pessimo soberano seria pois aquelle, que, imitando os Dagobertos, e mais reis da primeira raça de França, se sequestrasse da direcção dos negocios, commettendo-os aos mordomos do paço *(maires du palais)*, ou aos ministros de estado, com prohibição de o acordarem do suave, e perpetuo somno, ao

bulicio das questões publicas: livre-nos Deos de soberanos taes!

A maxima: o *rei reina* e *não governa* (já o liberal Silvestre Pinheiro o demonstrou) é uma das maiores estulticias, que se hão proferido: rei que não governa, não reina, disse um notavel publicista. O governo pessoal é um direito e um dever no sentido em que o descrevemos. Se porém se vai mais longe, imputando ao governo pessoal exorbitancia de attribuções, é falsidade, é calumnia. Não ha um unico acto, que o Monarcha praticasse, estranho á sua orbita; não ha um unico, de que os ministros não assumissem a responsabilidade.

XIX.

Que outras imputações se fulminão?

Corrupção. Assim denominão o paternal pensamento conciliador, de que já fallámos. E que bocas a apregôão? As que a ella desejão dever elevações. Nem uma só vez o throno perguntou aos agraciados pelas suas opiniões, e mal lhe fôra; pois o systema de premiar apostasias só serve para crear de uma conversão cem exaltações, mais imperiosas. A corrupção é infelizmente um mal universal, de que o seculo se queixa, independentemente de instituições. Nasceu, ou pelo menos propagou-se, no dia em que a liberal bandeira dos interesses materiaes veio arvorar-se no lugar da bandeira mo-

narchica dos interesses moraes; é um segundo cholera-morbus, que, de élo em élo, foi invadindo toda a cadêa das sociedades.

Mas no Brasil, nunca do solio uma só vez baixou acto corrompido, nem corruptor.

A esmola. Já somos chegados a tão revoltos tempos, que a caridade, a esmola, esse ganho, essa usura santa, que recebe cento por um, uma obra de misericordia, se transforma em titulo de suspeita e odio, n'um crime! As ferreas penas, que não duvidão trocar-se em machado de algoz, ou fazer saltar da corôa o rubi do perdão, são coherentes em estigmatisar a caridade, esse sentimento intimo, que nos approxima da Divindade, esse amor do proximo, fim da religião, alma das virtudes, resumo da lei!

Deixemos intacta essa hedionda accusação; axiomas não se demonstrão.

O estrangeiro. Por uma conversão inexplicavel, deplorão que a côrte não acolha com hospitalidade os «representantes das côrtes estrangeiras, e que da opinião das outras potencias o paiz padeça desares.» Como se explica esta subita affeição ás monarchias? este conselho de empregar para com ellas as attenções, e ceremonias, que tanto se deprimem, e vilipendião? Sabei, porém, que se essa hospitalidade

não é mais faustosa, provém isso da modesta posição em que o Imperante voluntariamente se conserva. Qualquer particular opulento póde desenvolver mais apparato e pompa. A elle e á sua santa consorte mal chegão as tenues dotações, para semear em dons a riqueza que colhem em benções. Não fica margem para os bailes, as grandezas, as festas, e ostentações, que ahi se recommendão ; e nem as nações estrangeiras medem por bitola tal o adiantamento do nosso povo , a cordialidade das nossas relações.

Ceremonias. Lilliputianos antagonistas da monarchia imputão-lhe a crime certas ceremonias tradicionaes , *o beijar a mão.* Repugna-vos ? pois não beijeis a mão imperial, que nem por isso sereis menos bem recebidos. Esse acto de deferencia não é tributo de vassallagem ; é marca, excepcional, de consideração, para quem occupa posição excepcional. Pela constituição antiga, pela moderna, o monarcha é chefe, é pai da nação ; degradão-se os filhos ao beijarem a mão de seus pais ?

Emquanto tiverdes um soberano (o Brasil ha de tê-lo sempre) cumpre acatá-lo, menos como homem, do que como palladio, symbolo, incarnação da sociedade ; esses respeitos, esses testemunhos são tributados á nação, na pessoa de seu representante. Não

dirigis vós ao igual, ao inferior, ao superior, signaes exteriores de consideração diversa? Não vos agasteis com essa immemorial convenção de um signal, unico, para uma entidade, tambem unica. Quando todos, até reis, beijão, nos pés do papa, a cruz bordada na sandalia, beijai, na mão do representante da nação, a nação que elle representa. — É miseravel este sentimento de inveja; a elle alludia Flechier, dizendo: « Por maior bondade que tenhão os reis, têm contra si a pompa e o brilho da realeza. »

Que outras theses aquilataremos?

A grande alma da raça que aqui se perdeu? Esses e outros encomios ao estado da natureza, primitivo, selvagem, são a condemnação de toda a obra da civilisação.

Os hymnos e hosannas á cega fortuna? É a regra dos abyssinios; cantos ao sol nascente; o sol poente lapida-se. Debalde Seneca ensinou não haver mais formoso espectaculo que o do homem bem supportando a má fortuna. A cega, a inconstante, a ligeira, a extravagante, a caprichosa, é tambem, como a liberdade, dama dos pensamentos, Dulcinéa destes Quixotes.

Maravilhar-nos-hemos destes populares, que atacão a popularidade? das personalidades cobardes, com que se arremessa lodo ás faces de uns suppostos

cortezãos, que nem nós sabemos, nem os calumniadores sabem quem sejão?

Envergonhar-nos-hiamos.

Anathema, gritão, contra a viagem do Imperador aos seus Estados septentrionaes. Os incommodos, o dispendio a que se deu, sem outra remuneração possivel, além da gratidão dos povos, convertem-se em capitulos de accusação! Já n'outra parte se disse que o Monarcha, ao visitar essas regiões, satisfazendo a um dos deveres de sua situação, satisfez um seu desejo tambem. Quiz estudar, nas proprias localidades, seus elementos de grandeza, suas aspirações, suas queixas; sem interposições, a todos prestar ouvidos, em tudo fixar olhos. Derramou muitos bens, semeou muito progresso, recolheu muita benção. Ligando-se cada vez mais ao seu povo, com elle se confundio; ensinou ás mais antigas monarchias que um soberano querido póde, só, inerme, tendo por pretoriana guarda milheiros de subditos que nunca vira, atravessar, a pé, noite, e dia, as populações, sem ouvir um brado, que não fosse de amor e gratidão! Será a isto que os demagogos chamão vaidade? Formosa vaidade a que consiste no deliciar do carinho, no conquistar dos corações! Inventem o que lhes aprouver, quanto a loucas doutrinas; mas contra

quem negar a espontaneidade, e unanimidade das provas de affecto, liberalisadas ao Soberano, erguer-se-hão tantas vozes quantas as dos cidadãos de todas essas provincias, que ainda hoje commemorão, nos transportes de viva saudade, os dias serenos e festivos de que gozárão, durante a visita imperial!

Bem fez o historiador da demagogia em prevenir-nos de que era poeta, *cum potestate quidlibet audendi!*

Qual é finalmente o remedio pratico destes *males terrificos* e medonhos, que assoberbão o paiz? Pasmai da singeleza da panacéa! É reencarniçar os partidos, e fica a patria salva! « É tempo de se fundarem os partidos que, em sua emulação fecunda, se corrijão uns pelos outros, conduzindo assim o paiz a prosperos e novos destinos!! » Homens, encanecidos na defesa de idéas que tendes por boas, um rasgo de penna vos ánnulla a existencia! Paiz, que esperavas o progresso, da paz, e do concurso commum das intelligencias e dos esforços, sonhavas; porque todo elle pende da guerra, ou de não sabemos que monstruoso contubernio de antipodas principios!

Conhecem-se remedios que curão, e remedios que matão; deixemos estes aos pharmacopolas desalmados ou ignorantes.

XX.

Na theoria dos publicistas liberdadeiros (pygmêos que se sonhão gigantes, porque em falsas andas atravessão tambem terrenos alagadiços), o povo, a turba (isto é, os pés dictando as leis á cabeça) conservão, e usão, em todo o tempo, e a cada hora, o direito de se constituir; — as minorias o de supplantar pela força as maiorias; — meia duzia de conspiradores o de se arvorarem em orgãos de toda uma sociedade; — o arbitrio o de substituir a lei; — crime, vicio, traição, de perseguir virtude, honra e lealdade.

Propaladas estas maximas desorganisadoras, es-

candalo da illustração, diligencia-se que fructifiquem na tendencia natural das classes infimas, para arrojarem de si o freio da subordinação á lei, para destruirem, porque o aborrecem, quanto acreditão superior a si!

O povo, emquanto se conserva na orbita da lei, é o instrumento pacifico dos designios providenciaes em relação ao governo das nações; desvairado dessa orbita, torna-se o instrumento cego dos facciosos liberdadeiros, e dos despotas.

Dejoces, que não tinha meios alguns para elevar-se á soberania, seduzio o povo para chegar á dominação entre os *Medos; Pisistrato* engana o povo para apoderar-se da cidadella de *Athenas; Dionysio* o tyranno abusa do povo para ter uma guarda em *Syracusa; Bruto* serve-se do povo para expulsar de Roma os *Tarquinios;* os *Cesares* lisongeião o povo para se pôrem á testa dos exercitos e chegarem ao imperio. Todos os usurpadores se têm servido dos povos, como nota o immortal *Bossuet*, para destruir os thronos, expulsar os legitimos herdeiros, e fazer triumphar seus interesses pessoaes... São estes arbitrios verdadeiras sentenças? Que se pretende concluir de semelhantes appellações?

É que os demagogos sabendo a inclinação natural

que os homens têm para a independencia, sabem tambem quanto é facil sublevar os povos, e empenha-los a desfazer-se de seus soberanos; mas antes de se desfazerem delles, já os tinhão. Antes da appellação feita ao povo pelos revolucionarios modernos, havia reis em *França*. Havia-os em *Roma*, antes de Bruto e de Cesar: havia-os em *Athenas* e *Syracusa*, antes de Pisistrato e Dionysio: havia-os em *Argos* e na *Média*, antes de Dejoces e Danao. Antes de todas essas appellações aos povos, havia já uma constituição; havia já os grandes chefes de familia que insensivelmente se fizerão reis, na phrase de Platão: *Ex patribus-familias paulatim factos reges.* Havia já os reis que desde a infancia das sociedades governavão as villas, e as cidades, como diz Aristoteles: *Quapropter et initio a regibus gubernantur civitates.*

Recalcados pelos pés das turbas todos estes principios tutelares, o que teriamos?— Perfeita anarchia, labyrintho inextricavel, em que nem seus proprios autores, perdidos, acharião fio para salvar-se; existencia anomala; throno vacillante; dynastia ameaçada; liberdade compromettida; fazenda arruinada; estragado o commercio; paralysada a industria; e por sobre todos estes males o riso escarnecedor do assassino da patria, ao ver a victima de seu furor

revolver-se no pó que apaga com o sangue derramado pelo punhal que a prostrou !

Provem-nos, primeiro, os aspirantes á celebridade que, nas sociedades, a lei está, por direito, á discrição dos membros menos importantes dellas; que nas escolas da devassidão se aprendem os altos segredos da administração do Estado; que no immundo lodo dos vicios, ou nas densas trevas da mais crassa ignorancia, se encontrão os elementos de virtude, e saber, para justa apreciação do uso ou abuso do poder, severidade ou brandura das leis, incapacidade ou sabedoria dos legisladores, conveniencia ou desconveniencia, justiça ou injustiça, das suas decisões.

Provem-nos, se podem, que as revoluções devem ser o recurso ordinario de quem quer que se repute vexado, offendido ou prejudicado; que a representação nacional é uma chimera desprezivel, cuja legitimidade póde contestar-se pelos embustes e pela aleivosia, uma vez que encontrem écho em *virtuosas massas*, que hoje cobrem de lama o que hontem heróe vestirão de galas.

Provem-nos que a liberdade de imprensa não passa de um segredo de especulação, só util para vehiculo de infamias, que devassão a vida domes-

tica, e levão deshonra e descredito á honesta habitação da virtude, ao centro das familias.

Então, mas só então, despidos que tenhão os nobres uniformes, que manchárão, de *milicianos constitucionaes*, para se embrulharem nas roupetas de diversa especie de absolutismo, poderáõ gloriar-se de seus famosos feitos, mixto especifico de patriotismo e tyrannia, composto maravilhoso de simplices da familia liberal, apresentando em producto a anarchia!

Graças ao senso publico, essas ruins aspirações naufragão no escolho de uma já solida educação politica deste povo prudente e sisudo, cujo programma, universalmente aceito, só inscreve estas palavras:

— Religião sem intolerancia;
— Igualdade sem envilecimento;
— Progresso sem licença;
— Prosperidade sem desordem;
— Monarchia sem despotismo!

Tudo isto possuimos; de tudo isto uma constituição sabia nos afiança a conservação.

Rio de Janeiro, Maio de 1860.

Rio de Janeiro. Typ. Universal de LAEMMERT, r. dos Invalidos, 61 B.